



RUY ESPINHEIRA FILHO

SAUDAÇÃO A ANTONIO BRASILEIRO

Exmo. Sr. Presidente da Academia de Letras da Bahia, acadêmico Edivaldo Boaventura.

Autoridades aqui presentes ou representadas.

Senhoras e senhores acadêmicos.

Minhas senhoras, meus senhores.

Senhor escritor Antonio Brasileiro:

Em sua importantíssima *Uma história da poesia brasileira*, assim escreve Alexei Bueno:

*Poeta de aguda visão filosófica do nosso estar no mundo, Antonio Brasileiro (1944), um dos fundadores do movimento **Serial**, constrói desde os anos de 1960 uma das obras mais densas de nossa poesia contemporânea, obra sem concessão alguma, ao mesmo tempo de uma profundidade difícil pelo mergulho necessário e de um lirismo que envolve implacavelmente o leitor.*

Na apresentação de *Poemas reunidos*, André Seffrin considera o senhor, Antonio Brasileiro, como poeta *visceral e eruptivo, protéico e cosmogônico*, tão alto em vossa arte que, para compô-la, usais *não só as palavras certas, mas as únicas*. E Miguel Sanches Neto, apresentando *Dedal de areia*, premiado pela Academia de Letras da Bahia, ressalta a vossa leveza de estilo e, ao mesmo tempo, a profundidade de reflexão.

As opiniões destes três autores é importantíssima, senhor Antonio Brasileiro, porque são, como bem sabeis, dos melhores, no Brasil de hoje, em suas produções intelectuais e artísticas – crítica, ensaio, ficção, poesia. Além disso, escolhi citá-los nesta abertura porque pertencem a uma geração vinte anos mais nova do que a vossa, o que mostra como a poesia que compusestes ao longo do tempo se mantém viva e cativante à leitura mais jovem, o que evidencia um claro poder de permanência.

Conheci-vos, escritor Antonio Brasileiro, nos anos 60, inicialmente por referência de meu irmão Gey Espinheira, que era vosso contemporâneo na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Logo entrei em contato com os primeiros poemas que publicastes e vos conheci pessoalmente, sendo adiante convidado a participar da vossa importante revista *Serial*, colaboração que se iniciou no nº 3, de março de 1968, na vossa companhia e na dos poetas Fernando Batinga, Jacinto Prisco, José de Oliveira Falcón e Maria da Conceição Paranhos. Parece que foi ontem, mas foi há 42 anos. Sim, Vinícius de Moraes tem razão: não há nada como o tempo para passar...

Na verdade, embora um ano e meio mais novo do que eu, fostes o responsável pela minha estréia a sério nas publicações literárias. E então, a partir daquele primeiro contato, eis que iniciamos a amizade que perdura até hoje e por muitos anos foi alimentada por alguns encontros e, sobretudo, pela extensa e intensa correspondência que mantivemos: o senhor em Feira de Santana, cultivando pacificamente beldroegas e família, eu em Salvador, na agitação boêmia que não arrefeceu, por muitos anos, sequer com a formação familiar. E assim foi, e assim é até agora: duas pessoas tão diferentes no viver cotidiano e igualmente mergulhadas no mundo das artes, da literatura, especialmente da poesia.

Se vos devo, escritor Antonio Brasileiro, a minha estréia a sério no mundo literário através de vossas publicações, também vos devo a edição de *Heléboro*, meu primeiro livro de poemas, de 1974. Decidindo-me publicá-lo, e dispondo apenas da

quantia recebida por dois prêmios literários conquistados na UFBA no ano anterior, passei a consultar gráficas por toda Salvador, sem sucesso: sempre pediam mais do que eu dispunha para financiar a publicação. Comentando tal coisa convosco, escritor Antonio Brasileiro, dissestes conhecer um gráfico em Feira de Santana que provavelmente faria o livro por tal quantia. Assim, remeti-vos o voluminho e tomastes conta dele com extremo cuidado – negociando a edição, planejando o formato do volume, acompanhando a impressão, fazendo a revisão, desembolsando uma quantia própria para plastificação da capa e, como se não bastasse, ainda escrevendo, para minha glória maior, um prefácio consagrador.

Estais, pois, senhor escritor, profundamente ligado aos meus começos literários e editoriais. Mais do que ligado: fostes fundamental a esse início – como continuastes, e continuais, importantíssimo em toda a minha trajetória de autor. Muito aprendi convosco, de arte e de vida, como prossigo aprendendo hoje, quando vos leio ou vos ouço. Vossa influência riquíssima, que ajudou a formar tantos poetas e estudiosos, foi, e é, especialmente preciosa para mim.

Senhor escritor Antonio Brasileiro:

Reli recentemente toda a vossa obra, em verso e em prosa. Revisitei o ficcionista – contista, novelista, teatrólogo –, o ensaísta, o poeta. Pensei também em vosso trabalho de pintura, de que tenho um belo exemplar, presente vosso, em minha sala de trabalho. Mas agora, dentro das limitações naturais da solenidade, e sobretudo das minhas limitações pessoais, peço-vos permissão para falar apenas de vossa poesia. O que, na verdade, acabará compreendendo toda a vossa obra de intelectual e artista – porque tudo o que fizestes e fazeis tem como natureza a essência da poesia.

Arte leve, profunda, cosmogônica, lírica, filosófica... Estas e outras coisas foram ditas sobre a vossa poesia. E ditas com acerto, pois dessas riquezas ela é realmente densa, como de outras qualidades. Eu poderia intentar longas digressões sobre vossa obra poética, talvez um estudo aridamente teórico, mas optei por falar dela como o leitor comum que sou – ou que tento ser, porque o leitor comum é o melhor leitor que existe: aquele que lê por amor, por paixão, longe da arrogância racionalizante que esteriliza a sensibilidade.

Vou, pois, aqui, fazer uma leitura minha que, espero, possa trazer aos que me ouvem uma amostra de alguns dos aspectos de vossa produção poética. O que significa, senhor Antonio Brasileiro, que terão todos os presentes algo muito mais significativo e

belo do que as minhas pobres palavras. Que serão breves, indo diretamente ao que me parece ser de real importância, a vossa poesia propriamente dita, mesmo porque sei que desprezais aslouvaminhas, os circunlóquios vazios, o eruditismo pedregoso que acaba por impedir a respiração da arte. E também porque concordo com Shakespeare, para quem a brevidade é a alma da inteligência.

Outras pessoas poderiam escolher poemas diversos, entre as centenas que formam vossa obra, mas, escolhessem o que escolhessem, não haveria diferença essencial: seria, sempre, a visitação a uma arte magnífica.

E ousou começar, egoisticamente, por um poema a mim dedicado, o que abre *Os três movimentos da sonata*, de textos compostos entre 1968 e 1977. Intitula-se “Viola de amor”:

*Nas ondas do mar me enlevo
nessas ondas me redimo
meus sofrimentos são nada
nas águas das ondas claras*

*(nos ventos do mar me enlevo
nesses ventos me redimo
sofrer é estar de passagem
entre o agora e o eterno)*

*Como as ondas que se quebram
e são sempre as mesmas ondas
vou seguindo meus destinos
como as ondas que se quebram*

*(como os ventos que nos passam
e nos levam os pensamentos
vou vagando, vendaval
devassando e devassado)*

São raros os poetas capazes, senhor Antonio Brasileiro, de compor uma canção assim – feita de ritmo, sonoridade, suavidade, lirismo, simplicidade e, ao mesmo

tempo, de uma madura reflexão sobre a condição humana. Símbolos, metáforas, referências ao movimento, líquido ou eólico, tudo nos fala da vida. Da vida em sua efemeridade, seu sentido nenhum, seu imponderável.

A vida: é dela, afinal, que é composta toda a vossa poesia.

Em “Poema de amor”, do mesmo livro, eis o que lemos:

*E era azul o dia da partida.
Não um azul azul como os azuis da alma
colorida, mas negro azul, profunda
escuridão beirando o nada.*

Azul

*assim, hermético, escuro –
escuro como a alma, não a calma, a
alma: pois era azul,
luz última, o dia da partida.*

Um azul que é de todos nós, em tantos momentos – e talvez, de forma recôndita, da existência toda – o azul abissal da perda, do abandono, da solidão. A pungente “luz última” do inexorável. Poema, pois, de dor extrema, como, do mesmo livro, “O olho sem lince”:

*O que tive perdi num dia surdo
e minha irmã me chamava do quintal
A casa era salobra e percutia
o tanque estava cheio de piabas.
Minha irmã, sua voz (o dia urdia surdo
os peixes sufocavam-se na sala)
a ecoar meu nome e eu não sabia
eu não sabia que tudo estava morto.*

E minha irmã não para de chamar-me.

Há uma tragédia aqui, uma tragédia que, embora não explicitada, reconhecemos, todos, como nossa. Não sabemos explicá-la, mesmo porque arte não se

presta a explicações, toda tentativa de explicação é um atentado contra a natureza da arte. Que não é para ser compreendida, mas percebida pela sensibilidade, a intuição, essa coisa bem maior do que a inteligência intelectual – que é a inteligência emocional. Há uma tragédia aqui, e me comove. E me desassossega em todas as leituras – e mais: a vida inteira. Porque em mim também ecoa esse chamado e estou a ponto de descobrir – como, aliás, já descobri, todos nós já descobrimos em algum momento – que tudo está morto, morto, morto.

Ainda no mesmo livro, poeta Antonio Brasileiro, sem dúvida uma de vossas obras mais passionais, leio “Com/sem”:

Morreste em mim domingo à tarde.

*Em vão te procurei nos alfabetos:
os hieróglifos da memória emudeciam.*

*Como um grito
que só tivesse o eco:
não, não me resta nada a perfazer.*

*Tudo em mim se cumpriu,
só eu não me cumpri.*

*Do que ficou,
construí um poema amargo.
E os dias a se estamparem nas retinas
me lembrarão sempre
que tu morreste em mim domingo à tarde.*

E eu em mim morri todos os dias.

Na verdade, se alguém morre em nós, somos nós que morremos. É a nós que pertence essa morte – que em nós estará acontecendo “todos os dias”. Morreremos para sempre essa morte, irreparavelmente.

O drama da condição humana ressurgiu, num toque particularmente intenso, em “Herança”, poema de *A pura mentira*, livro escrito entre 1978 e 1982:

*Meu filho, não chores.
Há modos de ser feliz
longe de mim.
Não chames meu nome,
meu filho.
Eu próprio hei de chamar-te um dia
e não haverás – te digo – de me ouvir.
Por isso, meu filho,
não chores
pois filho também sou: a mesma lágrima
no olho, a mesma faca
no olho,
meu filho.*

Sim, porque a fortaleza também é composta de fraqueza, de desamparo. Dentro de cada pai há um filho buscando um pai. Somos, mesmo, muito mais filhos do que pais, pois filhos somos da gestação à morte. Escreveis, poeta: *pois filho também sou: a mesma lágrima/no olho, a mesma faca,/no olho,/meu filho*. E disso jamais haverá remissão.

Vós sois, escritor Antonio Brasileiro, como todos os artistas, um *fatalizado*. Disto tendes plena consciência e às vezes é este o assunto dos vossos versos. Como em “Tuba mirum”, de *Entre facas*, composições de 1970 a 1982:

*Não esperem por mim.
Fui-me, como todos. Não esperem.
Mas se esperarem, recebem
que eu chegue tarde. Em
não chegando,
acendam todas as luzes,
ponham Mozart no maior volume
e digam que fui poeta apenas, que isso basta.*

Sim, *isso basta*. E é bem mais do que o bastante: é a própria condição. Ninguém *resolve* ser artista. Ou se *é* assim, ou não se *é*. Muita gente tem dificuldade de compreender esta obviedade, chegando-se até ao absurdo de pensar que arte pode ser ensinada. Não, não pode, pode-se apenas ensinar técnicas artísticas, história da arte, crítica. Uma escola de belas-artes não transforma ninguém em artista, como uma de Letras não forma escritores. O criador tem que nascer criador, ou seja, *fatalizado*. Dizer-se “apenas” poeta é, de fato, dizer-se “sobretudo poeta, essencialmente poeta”. Modestamente, escrevestes, senhor Antonio Brasileiro, “apenas”, mas bem ciente da grave e alta significação de *fatalizado*. O que combina perfeitamente com a lembrança de outro grande *fatalizado*, Mozart, sobretudo tocado no maior volume.

Retornando a *A pura mentira*, encontramos mais uma vez a expressão dessa *fatalidade*. Leiamos “Arte poética”:

*Meus versos são da pura essência
dos poemas inessenciais.*

*Nada dizem de verídico
não querem nada explicar.*

*Não narram o clamor dos peitos
não encaram a dor do mundo.*

*Se por vezes falam alto
é por puro gozo, júbilo;*

*humor que brota de dentro
como se movem os astros.*

*Eles, meus versos, são pura
floração de irresponsáveis*

flores nascidas nos mangues,

por nascer – mas multicores,

*lindas, não importa que os homens
as conheçam ou não conheçam.*

Tal composição certamente provocará, senhor Antonio Brasileiro, num leitor racionalizante, a impressão de que vossa arte poética é um descompromisso absoluto, pois produzem versos que

*Não narram o clamor dos peitos
não encaram a dor do mundo– ,*

sendo apenas floração de “irresponsáveis flores”, o que apontaria para uma total alienação. Mas os leitores racionalizantes são péssimos leitores de poesia, estão sempre exigindo explicações e deveres e significados fora da arte poética. Ora, o grande compromisso do poeta é com a poesia. Compromisso que, na verdade, é, como já foi dito, *fatalidade*. O que está em vosso poema, senhor Antonio Brasileiro, é que sois poeta e que é assim que um poeta – ou qualquer artista – cria. E não há alienação nenhuma, porque, se não existe um programa, digamos, político, ou social, ou seja lá o que for, o poeta não cria no vácuo – e é exatamente nele, poeta, que ecoam mais dolorosamente as dores do mundo. Segundo Ezra Pound, os artistas são as antenas da raça, ou seja, são eles que percebem tudo antes dos demais humanos. E não só antes, eu acrescento, como com muito maior amplitude e profundidade. Assim, quem ler a vossa poesia – e vários exemplos já foram dados aqui – ouvirá esses ecos, receberá esses vaticínios.

Uma “Arte poética” exemplar a vossa, senhor Antonio Brasileiro. Aliás, vossa poesia talvez seja a mais filosófica do Brasil atual. Como mostramos, ao falar de vós, falais de todos os homens, seja em poemas aparentemente mais pessoais ou abertamente reflexivos – a exemplo de “Fada” (*Fada e outros poemas*, 1988/1998) e “O Cavaleiro” (de *Dedal de areia*, poemas de 2001 a 2004), ambos repletos do “clamor dos peitos” e da “dor do mundo”, cada um à sua maneira.

Em “Fada”, o que encontramos? Apenas uma triste história de moça envelhecida e solitária? Não: vós mesmo, senhor Antonio Brasileiro, ainda na primeira parte da composição, nos esclareceis:

*Fada, a só, não é somente Fada, a só. É tudo
que pode traduzir a alma humana:
a imprestabilidade desta vida,
no fundo, pó.*

E aí está o “clamor dos peitos”, aí está a “dor do mundo”. O *pulvis es et in pulverem reverteris*, o pó de que somos feitos e que retornará ao pó, como tão terrivelmente nos lembra Vieira em seu “Sermão da Quarta-feira de Cinzas”; o *pulvis et umbra sumos*, a nossa condição de não mais do que pó e sombra, como escreveu Horácio. Temos pena de Fada em seu envelhecimento, sua solidão, sua existência desamada, que quase ninguém nota e passa

*como um cão qualquer
na rua,*

sem mais prazeres do que regar suas “plantinhas triviais”. Mas é a mesma Fada em que vos reconheceis, senhor Antonio Brasileiro, como num aguçamento pessoal do que foi dito antes:

*Aquela moça só sou eu, pensei um dia.
Parece-se com a estrela que carrego, fria.*

Estrela que carregamos todos nós. Fria, mas há também o Cavaleiro, o D. Quixote que nos habita para nos elevar a alma do chão, invocar nuvens que nos despertem anjos e heróis, como ilhas afortunadas, sua maneira de aquecer, até o mais cálido alumbramento, a frieza da estrela. E o que valem essas nuvens de promessas?

*Ao prometer ilhas a quem o ouve,
dá-lhe armas para desgarrar-se
do chão .*

*Todo homem tem que ter sua ilha.
Não ser ilha: ter. A ilha
é interior, mas custa. Quanto custa*

*uma ilha? Uma
vida.*

Fada também ouve o Cavaleiro, também cultiva a sua ilha. Porque, se somos como Fada, ela é como nós. Pó, que retornará ao pó, nada mais que pó e sombra, mas sonhando uma ilha de cujas fontes puríssimas retira a água com que rega suas plantinhas triviais, transformando-as em bosques, vastos bosques em que ela é sempre jovem, eterna e cintilante como sua Fênix, seu Unicórnio, sua Quimera.

Sem essa ilha na alma não há como suportar a existência humana.

Em minha trajetória poética, senhor Antonio Brasileiro, dediquei-vos explicitamente dois poemas: “Longe de sírius”, que figura em meu primeiro livro, *Heléboro*, já aqui referido, e “Antonio Brasileiro”, em meu penúltimo livro, *Elegia de agosto e outros poemas*, de 2005. Digo que são poemas dedicados “explicitamente” porque, de fato, devido às nossas afinidades, muitos outros foram dedicados secretamente, *in pectore*. O primeiro é um poema lírico de paz campestre, coisa que conheceis bem, por serdes um homem do interior, como eu. O segundo é um soneto com o vosso nome, pois tentativa de expressar ao menos algumas nuances do poeta. Vou lembrá-lo:

*Rumina um sonho: gado sonolento
entre as ondas que o vento faz no pasto,
que é vasto como o gesto desse vento
amplo como o horizonte vasto, vasto.*

*Há deuses nas colinas desse vento
e nas fontes profundas desse pasto
– que são, assim, mais verdes e mais vastos
que quaisquer pastos, horizontes, ventos.*

*Rumina um sonho – e sonhos nesse sonho,
que sonham outros mais. Na tarde amena,
tudo é sonho de deuses e rebanhos.*

*E ele se deixa navegar, sereno,
nos vastos pastos ventos horizontes
e, denso, de alma toda, escreve um poema.*

Tentei, aqui, captar o poeta em seu espaço de sertanejo e, ao mesmo tempo, como sensível ao que está oculto nas colinas do vento, no horizonte além do horizonte, no coração transverberado de luminosas mitologias. Porque assim, senhor Antonio Brasileiro, foi como sempre sentistes e escrevestes vossa poesia. Porque sois como aqueles argonautas de que fala Apolônio de Rodes: chegando cansados à ilha de Tínis, testemunharam uma aparição do deus Apolo. Cito as palavras do autor:

Áureos cachos flutuavam, enquanto avançava; na mão esquerda segurava um arco de prata, às costas levava uma aljava; e, sob os seus pés, toda a ilha fremia, e as ondas se agigantavam na praia.

Sim, os argonautas mereceram tal visão, a mesma que tendes merecido por toda a vida, senhor Antonio Brasileiro, porque pertenceis a essa estirpe rara, à qual pertencia Orfeu, capaz de perceber o esplendor de Apolo, inspirador de oráculos, patrono da música e da poesia; capaz, enfim – vós, senhor Antonio Brasileiro –, de respirar uma realidade que vai muito além do enganoso e precário mundo das meras aparências.

Por isso, agora, estamos vivendo um momento especial nesta Casa, que tanto se honra e se engrandece com a vossa chegada. Sede bem vindo à Academia de Letras da Bahia, senhor Antonio Brasileiro, animador cultural, líder de movimentos literários, grande intelectual, grande artista, ilustre acadêmico, poeta maior.